

5 O olhar do policial sobre o seu papel

Neste capítulo, analisamos as razões apresentadas pelos policiais de UPP para se construírem como profissionais diferenciados em relação a outros policiais. Na primeira seção, apresentamos um atributo reivindicado pelo policial por sua atuação numa UPP: a coragem. Esse atributo é identificado com base no tipo de explicação utilizada para justificar a diferença: o grau superior de vulnerabilidade. Na segunda seção, apresentamos outro atributo que subjaz a outro tipo de razão que sustenta a posição de um profissional diferenciado: o comprometimento.

5.1. Mais corajosos

Um dos *accounts* utilizados pelos participantes desta pesquisa é o grau de vulnerabilidade a que está exposto um policial de UPP. Observamos a mobilização do contraste como recurso retórico, tendo como pilar a categorização, quando os entrevistados recuperam conhecimentos de senso comum e se projetam como policiais diferenciados em virtude dessa condição. Constituem a base do contraste as idéias de que vivemos hoje um tempo de violência maior, que o Rio de Janeiro é uma cidade muito violenta e que as comunidades que receberam uma UPP ainda são um espaço ocupado – embora não mais controlado – por criminosos.

Como observaremos nos fragmentos analisados nesta seção, os *accounts* que sustentam a vulnerabilidade do policial que trabalha na UPP giram em torno da noção de contexto. Entre os elementos que compõem um cenário hostil ao policial encontram-se a cidade, o tempo e a comunidade, no que se refere à presença dos criminosos e à atitude dos moradores.

i) A cidade

Os policiais que trabalham em uma UPP fazem parte de um projeto do governo do Rio de Janeiro e um dos argumentos que sustentam a noção de que o

seu grau de vulnerabilidade é maior que o de outros policiais é que este é um local que apresenta altos índices de violência. Pode-se observar isso no fragmento a seguir.

Sequência 1

1	1	Amanda	O que é ser policial para você?
2	2	Bernardo	Ser policial... no Rio de Janeiro é... é não ter a certeza se vou voltar para casa depois do serviço, não saber se eu volto quando saio de casa.

Ao ser questionado sobre o que entende ser o papel social de policial, esse participante da pesquisa utiliza o dêitico de lugar “no Rio de Janeiro” para estabelecer uma particularização. Assim a categoria “policial que trabalha no Rio de Janeiro” é tornada relevante. A construção discursiva da oposição entre o policial que pertence a essa categoria, na qual o entrevistado se inclui usando a primeira pessoa, e os que trabalham em outras localidades liga esse discurso ao debate sobre a cidade.

O entrevistado evoca com essa particularização um conhecimento do senso comum de que, num contexto de maior violência, o risco da profissão é maior e, no caso da UPP, diário. Nesse fragmento, para reforçar a posição de vulnerável, o entrevistado lança mão ainda de um paralelismo enfático que mostra que o risco lhe acompanha do trabalho para casa e da casa para o trabalho (*não ter a certeza se vou voltar para casa depois do serviço; não saber se eu volto quando saio de casa*).

ii) O tempo

Outro argumento utilizado pelos entrevistados ao projetarem o policial de UPP como vulnerável é a ideia de que os policiais que atuam hoje enfrentam um cenário mais hostil do que antigamente. Vivemos um tempo de violência. Esse é outro conhecimento de senso comum aqui evocado:

Sequência 2

1	1	Amanda	O que é ser policial para você?
2	2	Fernando	Ser policial pra mim... Ser policial pra mim, no Rio de Janeiro, é totalmente diferente do que eu imaginei antes de entrar para a polícia. Policial, hoje em dia, sofre ↑muita <u>injustiça</u> , ↑sai de casa ↑sem saber se vai voltar, lida com situações na rua que a população <u>nunca</u> imagina que podem acontecer, é <u>mal</u> remunerado... ↑Ganha-se pouco, ↑trabalha-se muito... E <u>arrisca</u> a sua vida. Ser polícia hoje não é para quem <u>quer</u> , <não basta querer ser <i>polícia</i> >.

Nesse fragmento, verifica-se, logo no início da resposta à mesma pergunta feita para o outro policial, uma formulação de caso extremo (POMERANTZ, 1986), recurso através do qual o entrevistado contrapõe as suas expectativas à realidade que enxerga (*Ser policial pra mim, no Rio de Janeiro, é totalmente diferente do que eu imaginei antes de entrar para a polícia*). A formulação de caso extremo é um recurso utilizado amplamente no restante do trecho para o entrevistado se posicionar como vulnerável e sem reconhecimento, mas cabe destacar que ocorre uma particularização.

Fernando aponta que está abordando a situação atual dos policiais ao utilizar os dêiticos de tempo “hoje em dia” (*policial hoje em dia sofre ↑muita injustiça, ↑sai de casa ↑sem saber se vai voltar*) e “hoje” (*Ser polícia hoje não é para quem quer*). Desse modo, constrói uma oposição discursiva entre o policial de hoje, grupo ao qual pertencem os policiais de UPP, e os policiais de outros tempos. Assim, a ideia de que se vive um tempo de violência maior serve de base para o posicionamento do policial de UPP como mais vulnerável, isto é, que mais corre risco de vida. Observa-se também a utilização do dêitico “no Rio de Janeiro”, operando a mesma particularização que observamos no fragmento anterior e apoiando também esse posicionamento.

iii) As comunidades

No que se refere às comunidades em que foram instaladas as UPPs, um dos argumentos para a maior vulnerabilidade desse grupo que se projeta como

diferenciado é a presença dos criminosos. Conforme se verifica nos dois excertos seguintes, os entrevistados constroem as comunidades como locais que, embora não sejam mais controlados pelos traficantes, ainda são ocupados e disputados por eles.

Sequência 3

3	1	Amanda	E ser policial em UPP?
4	2	Fernando	Ser policial em UPP é <totalmente diferente>... totalmente diferente de policial na rua... As pessoas acham que a vagabundagem saiu do morro. O Estado ficou afastado <u>vários</u> anos. Não é agora, de uma hora para a outra, que as coisas vão mudar não. Se não entrar com o lado social, a UPP vai ser uma <u>vergonha</u> no futuro.

No início da resposta desse policial, observamos novamente uma formulação de caso extremo. Esse recurso retórico é empregado junto ao contraste (*ser policial em UPP é totalmente diferente... totalmente diferente de policial na rua...*) projetando categorias distintas: “o policial de UPP” e “o policial da rua”. Fernando utiliza ainda a repetição para distinguir esses dois grupos (*totalmente diferente... totalmente diferente*).

Na construção discursiva dessa oposição, a vulnerabilidade do policial que trabalha em UPP é enfatizada. O *account* apresentado no trecho se constrói em torno da ideia de que há muitos criminosos ainda na comunidade, logo que, diferentemente do policial de rua, o da UPP vive ao lado do criminoso. De acordo com o entrevistado, os bandidos, categorizados em seu discurso como “a vagabundagem”, não saíram das comunidades pacificadas. Se são “vagabundos”, seu único ofício é o crime, o que aumenta o risco de vida dos policiais.

No fragmento seguinte, observamos a resposta de Bernardo à mesma pergunta respondida por Fernando nesse trecho.

Sequência 4

3	1	Amanda	E ser policial na UPP?
4	2	Bernardo	Ser policial na UPP é... é assumir um risco maior que os outros policiais que estão aí pelo fato

			de você estar lidando com eles aí dia a dia, em contato <u>direto</u> , entendeu? E a UPP é... como a maioria das pessoas <u>sabem</u> , não vai resolver todos os problemas da sociedade. Quem anda na vida errada não vai mudar por causa da UPP. Com o inimigo do nosso lado, é exposição < <u>dobrada</u> >, exposição dobrada.
--	--	--	---

Nesse recorte da entrevista de Bernardo, ele utiliza o dêitico de lugar “do nosso lado”, para indicar que os criminosos estão nas comunidades em que ele e os companheiros trabalham. Assim como Fernando, com isso, ele posiciona o policial da UPP como alguém que está muito próximo dos criminosos, projetando-o como alguém muito vulnerável.

A ideia de que o risco corrido por esses policiais é superior ao que os demais enfrentam se torna explícita quando esse entrevistado afirma: “*É assumir um risco maior que os outros policiais que estão aí*”. Para reforçar essa posição atribuída à categoria na qual o entrevistado se inclui, ele lança mão de uma repetição, com recursos prosódicos: “exposição <dobrada>, exposição dobrada.” As expressões “dia a dia” e “em contato direto”, enunciadas em sequência, também estabelecem uma ênfase nessa posição de vulnerável.

Deve-se notar ainda que, de início, Bernardo utiliza o dêitico de pessoa “eles” para codificar os criminosos e, ao tratar deles novamente, usa o termo “inimigo”. Ao atribuir essa posição ao outro, o entrevistado se posiciona como alguém que vive uma guerra diária e sem fim. Justifica a sua posição por outro conhecimento de senso comum: o mal nunca vai acabar. Ao evocar esse conhecimento, ele aponta para a ilusão da sociedade que viu nas UPPs a erradicação do tráfico e para certa frustração de realizar uma ação que não tem um fim.

O quadro de guerra descrito como cenário de uma UPP é reforçado pela percepção de que o policial tem como inimigo não só os criminosos, mas também o próprio morador. O morador da comunidade, por sua vez, é apresentado em alguns trechos das entrevistas como alguém que torce pelo mal do policial, o que coloca o morador também na categoria inimigo, como se observa no fragmento a seguir.

Sequência 5

15	1	Amanda	Você acha que o morador se coloca no seu lugar?
16	2	Fernando	Não, negativo. O morador aqui não se coloca no lugar de <u>nenhum</u> polícia, quer mais é ver o <u>mal</u> do polícia mesmo.

Nesse recorte, a alteridade é marcada de forma consideravelmente negativa. Verifica-se o uso da formulação de caso extremo, recurso através do qual o entrevistado constrói uma relação de distanciamento e não proximidade com o morador, como prevê o projeto. O morador da comunidade é apresentado ainda como alguém que torce pelo seu mal. É projetado, portanto, como mais um inimigo.

Em outros momentos, ele é construído pelos policiais como alguém que não chega a ser um inimigo, mas não é um amigo também, já que não colabora com a polícia.

Sequência 6

13	1	Amanda	No dia-a-dia, existem problemas de comunicação com os moradores?
14	2	Bernardo	A favela ficou entregue MAIS DE 40 ANOS na mão da vagabundagem, sem ter a presença do Estado. Com <u>certeza</u> , do dia pra noite não vai mudar isso aí. A gente não é bem recebido aqui. Isso aí gera um certo conflito sim. Gera um certo conflito essa diferença de ideologia aí.

Nesse recorte, o entrevistado constrói uma relação conflituosa entre os moradores e os policiais apontando que isso se deve ao fato de pertencerem a dois mundos distintos. O *account* que se apresenta gira em torno da ideia de que a história de vida dos moradores é tão diferente da sua história que isso acarreta uma dificuldade para o estabelecimento de intersubjetividade. Observa-se que o entrevistado descreve um diálogo impossível, já que não há compartilhamento de mundos entre polícia e comunidade. Por outro lado, ao não distinguir categorias de moradores, ele também sinaliza que não há esforço na busca de compartilhamento de mundos.

No discurso deste policial, os moradores são posicionados ainda sob o domínio dos traficantes e atribui-se a eles uma posição não-acolhedora em relação aos policiais e ao projeto. O termo “conflito” é repetido por ele dando ênfase a essa noção. Com a falta de identificação dos moradores com o projeto e seu alinhamento com os criminosos, o policial reforça a ideia da vulnerabilidade, sem considerar a hipótese de que morador pode se ver também como vulnerável e que em alguns casos, pelo menos, no lugar do alinhamento, pode haver o medo do poder do tráfico. Os moradores são percebidos, portanto, como mais um elemento do contexto que é desfavorável à prática policial.

Sequência 7

17	1	Amanda	Você acha que o morador se coloca no seu lugar?
18	2	Bernardo	Negativo, negativo. Morador não vê o lado de <i>polícia</i> não. Com certeza <u>não</u> até porque se \uparrow visse eles ajudavam a gente no nosso serviço, coisa que... nessa comunidade... quase não acontece. A gente quase não tem ajuda do morador pra... executar a nossa função.

Nesse trecho, Bernardo enfatiza que os moradores não se colocam no seu lugar por meio da repetição de vocábulos com valor semântico de negação (*Negativo, negativo. Morador não vê o lado de polícia não*). A explicação que sustenta essa posição extrema é a falta de cooperação da comunidade no combate ao crime (*se \uparrow visse, eles ajudavam a gente no nosso serviço*).

O entrevistado atribui a eles a posição de pessoas que não cooperam com a ação da polícia na comunidade e paralelamente se posiciona como alguém que não recebe apoio, posição que atribui também aos outros policiais que trabalham nessa localidade através de um dêitico de lugar (*nessa comunidade*). Emerge, assim, em seu discurso a imagem de um morador que não reconhece a importância do trabalho do policial na comunidade e não se identifica – ou não confia – com o projeto.

5.2. Mais comprometidos

Além de se projetar como mais corajoso ou idealista por enfrentar um cenário tão adverso, o policial de UPP se projeta como um policial que se distingue dos antigos por um comprometimento maior com a sua atividade, com a satisfação de ver seu trabalho como mais eficaz se comparado com a atuação de outros policiais. No trecho a seguir, que será retomado no capítulo seguinte, observamos a ocorrência de uma narrativa espontânea que projeta esse outro atributo característico de um policial de UPP. Novamente, o sistema de categorização por contraste é evocado para evidenciar o diferencial do policial de UPP.

Sequência 8

18	1	Carmo	Mas quando vocês abordam um trabalhador também que, de alguma forma, pode estar dentro de um perfil de suspeito, a gente vê pelos casos que estão aí na mídia que a comunidade sai em defesa deles. Nesses casos, como vocês acham que a comunidade lida com vocês, quando acontece isso que é <u>inevitável</u> , né?
19	2	Gilson	Eu mesmo estava em um restaurante na rua X e:: surgiu uma briga lá embaixo. Estava um, uma porção de policiais almoçando no restaurante e uma briga aconteceu <u>embaixo</u> do restaurante. Eram dois homens brigando com outro cara. Passou o outro homem e foi uma confusão. Os policiais imediatamente pararam de almoçar e foram separar a briga. Se fosse em <outro lugar>, se fossem <outros policiais>, iriam cagar e andar. Policiais novos querem trabalhar. (...)

O entrevistado constrói a orientação da narrativa fazendo menção a uma briga num restaurante da comunidade em que os policiais almoçavam. O comprometimento dos policiais com a manutenção da ordem é apresentado como tão grande que eles interrompem o que poderia ser uma hora de almoço. O narrador relata que os policiais agiram “imediatamente”. Dessa forma, eles são posicionados como profissionais envolvidos, dispostos, prontos para atuar quando for necessário.

Nesse momento da interação, seria possível, que nós, pesquisadoras pensássemos que o entrevistado estivesse atribuindo essa posição a todos os outros indivíduos que ocupam o papel social de policial fazendo uso retórico da narrativa. Mas, em seguida, o que segue é uma construção hipotética, por meio da qual os “outros policiais” são posicionados como indiferentes (*Se fosse em outro lugar, se fossem outros policiais, iriam cagar e andar*).

Nesse momento da interação, em que se verifica uma breve suspensão do fluxo narrativo, que consiste em uma avaliação externa, os policiais novos são explicitamente posicionados como dispostos mais uma vez (*policiais novos querem trabalhar*).

Cabe lembrar, conforme descrito no capítulo de metodologia, que os policiais que trabalham em UPPs vêm das novas turmas de formação de policiais militares. E, na hipótese apresentada pelo entrevistado, ele sugere que em outro lugar (isto é, fora de uma UPP) a atuação desses profissionais seria diferente. Assim, entendemos que aqueles que o entrevistado chama, nesse trecho, de “novos policiais” correspondem aos policiais que atuam em uma UPP. Estes são posicionados como mais comprometidos e eficientes.

No excerto seguinte, podemos observar ainda que os entrevistados se projetam como diferenciados, contrastando a eficácia do seu trabalho em UPPs com a de policias que atuam fora da área.

Sequência 9

13	1	Amanda	Vocês acham que eles se sentem <à vontade> de chegar até vocês?
14	2	Carmo	Isso para eles é <u>nov</u> o, chamar a polícia <u>aqui dentro</u> .
15		Gilson	Em UPP é diferente. É o policial que está <u>ali do lado</u> e, como é muito policial para a população, eles se sentem confortáveis. É realmente porque o policial da UPP trabalha diferente. Ele tem contato <u>direto</u> , está realmente próximo. O policial que não é da UPP geralmente demo::ra. A pessoa tem que ligar para o 190 e, até chegar policial lá, a briga já ↑acabou e alguém já ↑morreu. O policial, estando ali do lado, vai ajudar, policial no::vo, querendo trabalh::ar, que gosta ainda, que não se desiludiu com a polícia acaba querendo trabalhar. Então o

			policial chega lá e gosta de fazer o serviço.
--	--	--	---

Após o meu questionamento sobre como os moradores da comunidade em que trabalham se sentem quando têm necessidade de chamar a polícia, a orientadora da pesquisa explicita a relevância do tema, afirmando que existe uma nova realidade. Nesse momento, os entrevistados poderiam atribuir aos moradores a posição de desconfiados ou inseguros, por exemplo. Contudo, Gilson afirma que “eles se sentem confortáveis”. O *account* construído por ele gira em torno da ideia de que os indivíduos têm um acesso fácil à polícia nesse contexto.

O entrevistado avalia a relação do cidadão que vive em uma comunidade onde foi implantada uma UPP como uma relação diferente com a polícia. É estabelecido um contraste, desse modo, entre duas categorias: o “policial de rua” e o “policial de UPP”. Segundo Gilson, este trabalha diferente porque está mais próximo e, para o entrevistado, essa proximidade faz que com que a prestação de serviços seja mais eficiente.

Ao tecer uma comparação entre o trabalho dos policiais de UPP e os outros, o entrevistado introduz uma narrativa não-canônica que opera como um *account* elucidando a ação da polícia em outras regiões (*A pessoa tem que ligar para o 190 e, até chegar policial lá, a briga já acabou e alguém já morreu*). Uma pessoa a quem não se atribui nenhuma especificidade, indicando que poderia ser qualquer cidadão, aciona a polícia por telefone. O advérbio dêitico de lugar “lá” indica certa distância entre o local em que pessoa está e o local de onde saem os policiais para atender a esse chamado. Esse advérbio se opõe ao que foi utilizado antes para descrever a relação do policial de uma UPP com os moradores da área: “ali”.

Por meio dessa cena, o narrador aponta que as variáveis “tempo” e “distância” influenciam na eficácia da polícia. Como na cena construída os policiais estão distantes e demoram para chegar ao local em que era necessário o socorro, quando isso acontece não é mais possível impedir um assassinato. A repetição do advérbio de tempo “já” enfatiza os efeitos irrevogáveis da demora (*a briga já acabou e alguém já morreu*).

Assim como no excerto anterior, os “novos policiais” são posicionados como mais comprometidos (*policial novo, querendo trabalhar; chega lá e gosta de fazer o serviço*). Nesse caso, seu trabalho ainda é avaliado como mais eficaz e

isso se deve não só ao comprometimento, mas também à proximidade física prevista pelo projeto.